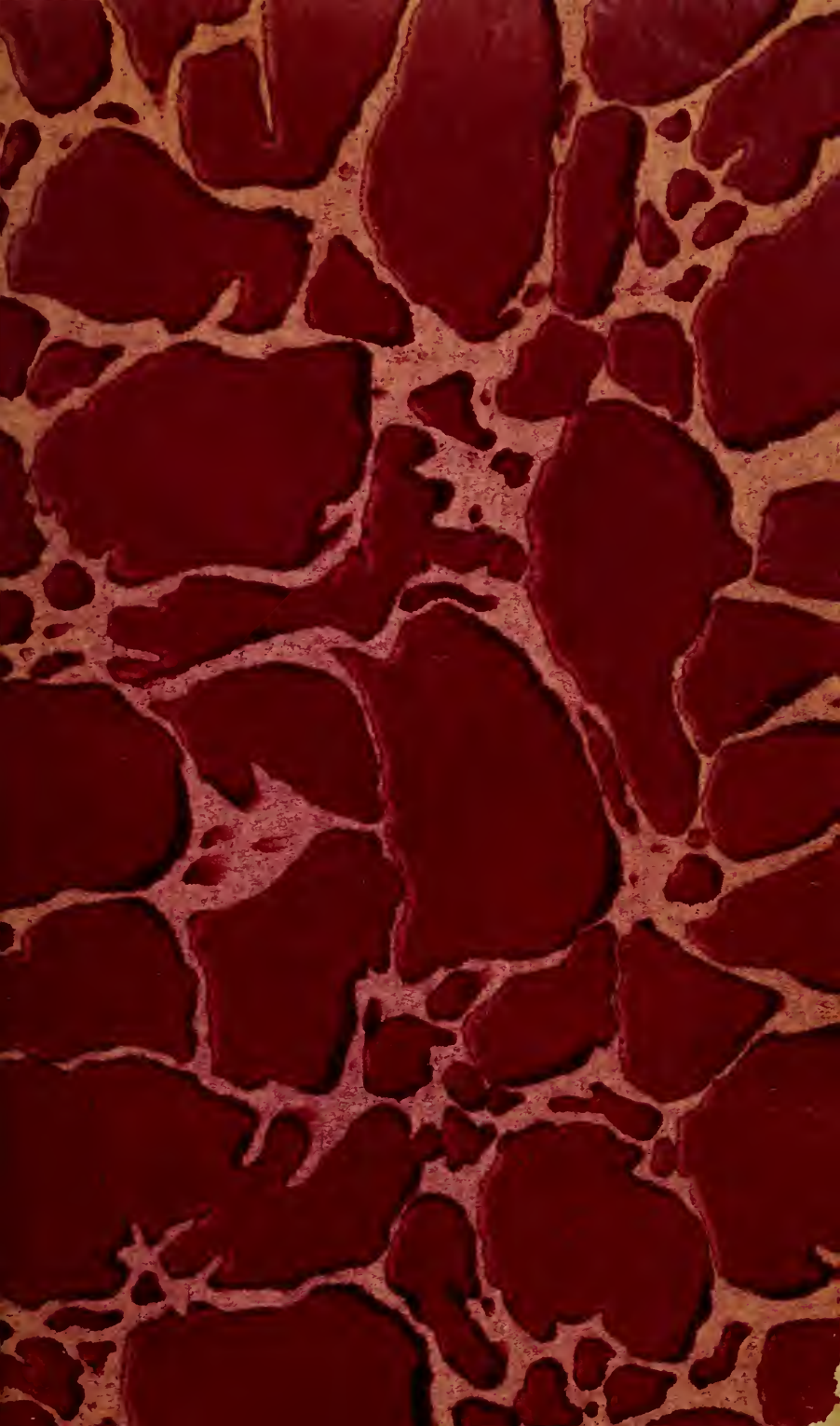


3 1761 07041749 8

Castello Branco, Camillo
O ultimo acto 2. ed.

PQ
9261
C3U5
1884





O ULTIMO ACTO

DRAMA EM 1 ACTO

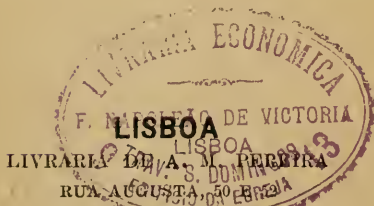
POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

Representado no Theatro de D. Maria II

2.^a EDIÇÃO

A. M. P.



1884

O ULTIMO ACTO

SCENA I

EDUARDO SEVERINO e LUIZA

LUIZA. (*Inclinada para o pae, que está com a face occulta entre as mãos, debruçado sobre uma mesa*). Meu pae.. então!

EDUARDO. (*Erguendo a face*). Que é, filha?

LUIZA. Não posso vel-o assim... Olhe para mim.

EDUARDO. Aqui tens... sorrir-te é que eu não posso.

LUIZA. Pois não sorria; mas, ao menos, veja-me com olhos enxutos.

EDUARDO. E os teus? Por mais embaciados que estejam de lagrimas. lá vejo n'elles reflectida a imagem de tua irmã. Não chores tu, Luiza. Deixa-me apagar a mim com lagrimas este resto de luz.

LUIZA. Mas a Anninhas está hoje melhor, meu pae...

EDUARDO. Foi ella que o mandou dizer?

LUIZA. Foi, e não tarda ahi. Dormiu duas horas hontem á tarde sem tossir.

EDUARDO. E' a morte, que a deixa adormecer no seu regaço. (*Ergue-se*). Que te disse ella hontem? Conta-me tudo, filha... Não enganes teu pae... Porque ficou ella sosinha contigo? Porque sahiste a

chorar do quarto? (*Luiza chora.*) Ahi está o que é atormentar-me.

LUIZA. Eu lh'o direi quando...

EDUARDO. Quando ella tiver expirado?

LUIZA. Não me obriguei a isso; mas penso que é um religioso dever...

EDUARDO. Calar o segredo a teu pae? Então é certo que Anna vae criminosa d'este mundo!

LUIZA. (*Com vehemencia.*) Vae santa, meu pae!... Eu digo tudo... póde dizer-se tudo... Fallou-me de Jorge.

EDUARDO. Basta... sei o que te diria... Leva-o no coração á presença de Deus, não é assim?

LUIZA. Deixa-o no mundo a orar por ella.

EDUARDO. (*Recalhando no lethargo.*) Fui eu que os matei...

SCENA II

OS MESMOS e O CRIADO

CRIADO. O sr. João Pinto.

EDUARDO. Vem só?

CRIADO. Sim, senhor.

EDUARDO. Que entre.

LUIZA. (*A meia voz.*) Estou tremendo.

EDUARDO. E' admiravel... ás oito horas da manhã!

SCENA III

OS MESMOS e JOÃO PINTO

PINTO. E' madrugar de mais não acha, senhor Eduardo?

EDUARDO. Más novas?

PINTO. Tem a bondade de retirar-se, mana Luiza? E' conversação de homens. (*Luiza sae.*)

SCENA IV

EDUARDO e JOÃO PINTO

PINTO. É a primeira denuncia, e o primeiro desabafo que trago a sua casa. O meu decoro foi ultrajado por sua filha, senhor Eduardo.

EDUARDO. (*Após instantes de sereno silencio.*) Estou escutando, senhor.

PINTO. Mas parece que me escuta com admiravel estoicismo!

EDUARDO. Imagine que o não creio...

PINTO. Como?!

EDUARDO. Imagine que eu julgo sua mulher tão incapaz de ultrajal-o, que nem sequer a surpresa das suas palavras me inquieta.

PINTO. Pois queira escutar-me, e faça de conta que eu não ouvi as suas palavras pouco delicadas... Não me crê... (*Sorrindo.*)

EDUARDO. Não o creio, senhor Pinto, sempre e todas as vezes que injuriar a bondade d'essa padecente, que nos perdôa a ambos...

PINTO. Não desperdicemos o tempo, senhor Eduardo... Sua filha rasgou hontem o véo da vida mysteriosa que vivia comigo ha dois annos.

EDUARDO. *Vida mysteriosa!* Minha filha, senhor, agonisa ha dois annos, e morre talvez amanhã com o coração immaculado.

SCENA V

OS MESMOS e ANNA AUGUSTA

ANNA. Póde ser que seja hoje, meu pae; mas com o coração immaculado, não.

EDUARDO. Como vens incendiada, minha filha. Senta-te.

ANNA. Sentar-me-hei no banco dos réos. Meu pae não póde ser advogado e juiz. Basta que me condemne.

PINTO. Não me emmudece a sua presença, Anna. Censuro-lhe, porém, o desembaraço de seguir os meus passos.

ANNA. Vim a casa de meu pae. Não segui os seus passos, senhor Pinto; segui os signaes das lagrimas que derramei quando sahi de cá. Vim porque o meu anjo bom quer subir ao ceu, logo depois da minha morte, sem se deter na terra a defender-me a memoria... Foi o meu anjo da guarda que me avisou. (*Sorrindo.*) Aqui me tem, senhor Pinto, accuse-me.

PINTO. Quem a obrigou a ser minha mulher?

EDUARDO. Fui eu.

PINTO. Fez mal.

ANNA. Não me obrigaram a casar com o senhor Pinto. Meu pae propoz, e eu acceitei... propoz, porque não quiz mandar.

PINTO. Não devia acceitar.

EDUARDO. Essa censura é atroz. O senhor sabe que me propoz a compra, e eu vendi minha filha. Quem obrigou minha filha a casar fui eu; quem acceitou esta mulher obrigada, foi o senhor.

ANNA. Voluntaria ou obrigada, faltei aos meus deveres? Responda, senhor Pinto.

PINTO. Faltou.

ANNA. O' meu Deus! Desminta-se, senhor, que me mata já.

PINTO. Faltou guardando sempre no coração as recordações de um outro amor.

ANNA. Respiro, Mãe Santissima!... E' verdade... guardei essas recordações.

PINTO. Aliás criminosas.

ANNA. Se o foram, estão expiadas. Devoraram

o coração que as encerrára... mataram-me. A Providencia vingou-o, senhor. Que mais quer agora? Um pelourinho para a minha memoria? Pois sim... Quero ser invilecida, infamada, coberta de opprobrio; mas o pregão da ignominia hade soltal-o a sua consciencia, meu marido.

PINTO. Não vou tão longe.

ANNA. Vá, vá; no céo ha justiça... e eu pedirei que haja tambem misericordia para quem da minha sepultura fizer reflectir a deshonna na face de meu pae e de minha irmã.

PINTO. Não vou tão longe, já disse. A senhora escondeu até hoje o seu segredo; escondeu-o como se esconde um crime.

ANNA. Diga, diga.

PINTO. Eu devia entendel-a no decurso de dois annos. A frieza do seu character, a quasi indifferença em que tinha as minhas acções, o desapego que mostrava para tudo que lisongeava o meu genio, o desinteresse com que acceitava ou regeitava os recreios que eu lhe offerecia...

ANNA. E' o meu crime, pois. O meu crime é chorar no que é alegria para os outros. O meu crime é fugir da sociedade cujo contentamento escandalisava a minha afflicção. O meu crime é não poder participar dos prazeres que lisongeavam o genio de meu marido. O meu crime é passar as noites e os dias cortados de dores, familiarisando-me com o vulto da morte, enquanto meu marido ia espairecer dos dissabores de uma mulher enferma, nos theatros, e nas salas. O meu crime é ter no seio a morte que me não deixava saborear a vida. O meu crime é ser infeliz... Isto é duro!...

EDUARDO. Martyr (*Aconchegando-a ao seio.*) O senhor ainda não accusou esta desgraçada! Ah!... ha um coração máu. O senhor Pinto está a grangear remorsos que o hão de atormentar.

PINTO. Eu não fallei ainda, senhor Eduardo.

ANNA. Vae accusar-me agora. Meu pae, chame minha irmã, sim?

EDUARDO. Que queres, filha?

ANNA. Quero que essa innocente aprenda a córar commigo. A minha vergonha hade chegar a todos os os meus. Chame-a... supplico-lh'ó. (*Eduardo tange a campainha.*)

PINTO. (*A meia voz.*) Creio que não posso...

SCENA VI

OS MESMOS, UM CRIADO e depois LUIZA

EDUARDO. (*Ao criado.*) A senhora D. Luiza que venha cá.

ANNA. Deus é a summa bondade. Nunca me senti com tantas forças. Se esta vida não é um emprestimo, meu pae, devo de estar na convalescença.

LUIZA. (*Beijando a irmã.*) Como te sentes, Aninhas?

ANNA. Estava agora a dizer que fizera crise a doença; se não houver alguma recalhida (*Sorrindo, e abraçando-a*) tens irmã para muitos annos. Senta-te ao pé de mim, Luizinha. Escuta o que vae dizer teu cunhado. Diga lá.

PINTO. Acabe-se isto. Eu não sou o homem cruel, que o senhor Eduardo imagina. Respondo á sua aleivosia com o silencio.

EDUARDO. Regeitamos a benevolencia. Falle, sr. Pinto.

PINTO. Já disse; não tenho accusações a fazer.

ANNA. Sou eu quem se accusa. Quero castigar meu marido... (*Sorrindo.*) Já agora serei má esposa até ao fim... Affeiçoei-me de innocente amisade, quando era creança, e amei, já mulher, um homem e depois... adorei-o, e, afinal... matei-o...

EDUARDO. Jorge de Valladares não morreu, filha.

ANNA. Morreu. A vida é a esperança. Viver é anciar a felicidade possível e a impossível. A vida de Jorge era eu. Um dia puz-lhe o pé no coração, como n'um degrau para subir a uma opulência miserável... Apontei-lhe a sepultura... e... (*repara em Pinto, que sorri.*)

PINTO. Supponho, porém, que o padecente tomou por outro caminho: pelo menos a agonia tem sido demorada.

ANNA. Não insulte o infortunio, meu marido. Admire-lhe a probidade, se não pôde compadecer-se. Não ha mulher forte quando paixão e remorsos a quebrantam... Jorge poderia ter querido perdoar o meu crime, impondo-me a condição de uma culpa... Não o fez.

PINTO. E se o fizesse...

ANNA. Se o fizesse... não era o anjo, o santo que é... Seria apenas um homem, prouvera ao Senhor que sim. Eu agradeceria ao Deus das misericórdias ter-me desoprimido o coração de terríveis responsabilidades. Eu antes queria que elle me julgasse indigna de saudade duradoura. Antes... Se me julgasse mulher vulgar, pôde ser que eu viesse a esquecel-o como homem tambem vulgar. Não tenho podido. Ha dois annos que Jorge deixou esta casa, onde meu pae continuaria a recebê-lo com indulgencia e amizade, e...

EDUARDO. E com respeito, accrescenta, minha filha. A simulada paciencia d'elle parece que me accusava sem contudo me offender. Quando se proferia o teu nome, rasavam-se-lhe os olhos de lagrimas, dizia-m'o Luiza, porque elle... nunca os levantou para mim, talvez para me não arguir. Eu respeitava a dôr d'este honrado moço, quasi meu filho, e senti a perda d'um amigo e d'um exemplo, quando se des-

pediu por alguns annos o pobre Jorge. Tenho, porém, a certeza de que vive.

ANNA. Tambem eu, e é d'esta certeza que meu marido me accusa. Eu recebi antes de hontem uma carta de Jorge Valladares. Meu marido, sabendo que eu recebêra uma carta, exigiu-a imperiosamente. Não era necessario empregar o tom severo do senhor para escrava. Mostrar-lh'a-ia, ainda com o receio da profanação.

PINTO. Comprehendo a *lisonja*...

ANNA. Não o offendo... Seria profanação. A unica pessoa capaz de verter uma lagrima sobre a carta de Jorge, sou eu. Perdôa-me, minha irmã, tu choraste muitas... Eis aqui a carta, meu pae.

EDUARDO. Bem, filha, guarda-a

ANNA. Leia-a, porque hade julgar-me.

EDUARDO. Estás julgada.

ANNA. Mas eu quero que Jorge seja absolvido comigo. Leia, que eu não posso. (*Eduardo lê mentalmente.*) Alto, meu pae, peço-lhe.

EDUARDO. (*Lendo.*) "Sei que morres, Anna. Irei ajoelhar ao pé da tua sepultura, anjo, que o mundo não conheceu. Erguerei á Providencia dos infelizes estas mãos onde os teus labios innocentes imprimiram o primeiro beijo do coração. Ver-te-hei sempre formosa como te vi, porque não posso vér-te agora cadaverica já com o resplendor da eternidade na face. Direi o teu nome, e tu ouvir-me-has. O teu coração não póde ser devastado pelos vermes que devoram o cynico e o perverso. Nem eu nem tu sabemos os mysterios da móрте; mas a suprema desgraça dá o sexto sentido que os adivinha. Quando assim me vires ajoelhado ao pé da tua campa, mandarás á minha alma um raio da tua gloria. Das pessoas que te amaram, sou eu quem mais pobre fica na terra, pobre de tudo que é a riqueza das organizações fadadas para amarem o impossivel. Verás, á

luz do céu, como foste amada. Hei de ouvir a tua voz dizer-me “vem,, Há de a tua mão descarnada pousar sobre o meu coração, e desfazel-o na ultima lufada de sangue., (Commorido, dando-lhe a carta.) Não continúo.

ANNA. Eu digo o resto. (*Sem lêr.*) “Eras tudo o que eu tinha. Eras o meu estímulo de alegria, intelligencia, fé, amor unico, e até da honra. Por ti chegára a ser bom, caridoso, christão, grande aos meus proprios olhos. Quando o odio entranhado aos homens se desfogava no sarcasmo, vinham os teus labios beber do meu fel, dizendo-me: “perdôa, e não desprezes; faz-te querido pela humildade e pela paciencia.,” Quando o desalento expiatorio das minhas culpas me quebrantava o animo, vinhas tu como a pomba da arca Santa, annunciar-me que as tempestades da vingança divina acalmariam uma vez. Desde que me trouxeste do céu a luz da esperanza, anjo redemptor, nunca máis a vi apagar-se nos teus olhos, agora cerrados para sempre. Quando viste que a minha alma estava amparada entre a caridade e a fé, morreste.

“Ao dar-te o ultimo adeus, disse-te que ficaria no mundo offerecendo ao Senhor as minhas dôres como resgate das impaciencias com que repellisses o teu calix. Disse-te que vestiria, aos olhos d’esta gente que escarnece os martyres do coração, a tunica, a mortalha do homem que espera de mãos erguidas o chamamento de Deus. Cumpri. O mundo injuria-me se souber que te choro. Dirá que infamo a tua memoria. Rirá do hypocrita que arrasta o seu luto bem á vista de todos para celebrisar a sua saudade. Tu sabes que o mundo mente. Sabes que venho á tua sepultura dizer que honrei na terra a tua memoria; que alliei á minha morte o teu nome para que me perdôem as deshonnas do coração que tu purificaste. Quem poderá insultar-me sem remorso? Leva-me

depressa para ti, anjo de Deus. Salva-me de mim mesmo, porque receio manchar as vestes do sacerdote com o sangue do suicida.

“Continúa no céo a obra da minha redempção, pedindo ao Senhor que me aligeire este paroxismo.

“Murmurarei estas palavras ao pé da tua campa. Depois, Anna, perdoando ao mundo que nos detrahir a memoria, offerecer-lhe-hei um cadaver, e um nome glorificado por ti.

Jorge.„

EDUARDO. O sr. João Pinto entendeu esta carta, creio eu. Não é possível que te condemne por ella. Isto, é um nobre infeliz que diz a uma moribunda: “vê com que honrado coração te amei!„

ANNA. (*Erguendo-se.*) Estou absolvida? sou digna da sua estima, meu pae?

EDUARDO. (*Muito commovido.*) Assim eu fosse digno do teu perdão. (*Anna beija-lhe a mão.*)

ANNA. O senhor Pinto tem dó de mim... Também me absolve, não é verdade? (*Apertando-lhe a mão.*)

PINTO. (*Beijando-a na frente.*) Não será elle só a chorar-te, minha amiga:

ANNA. Seja Deus bemdito!... Luiza, vamos ao meu antigo quarto, ao quarto onde nasci, e onde nossa mãe morreu. Ha de ser-me lá mais suave a morte.

PINTO. Que quer isso dizer, Anna?! Deixas a tua casa?

ANNA. (*Sorrindo.*) A minha casa são oito palmos de terra; mas as agonias, que a posse custa, hei de passal-as na casa de meu pae, que offereço a meu marido em nome d'elle. Vem, Luisa, dá-me o teu braço... (*Sahem.*)

SCENA VII

EDUARDO SEVERINO e JOÃO PINTO

PINTO. Creia, senhor Eduardo, que tenho sido um marido exemplar. Sua filha não me ouviu, durante dois annos, uma só palavra ingrata ao seu melindre, nem contraria ao seu genio. Não se ajustavam nossas indoles, mas eu amoldei-me quanto pude aos caprichos d'ella.

EDUARDO. *Caprichos!* Diga antes impaciencias do seu muito soffrer.

PINTO. Se não renunciei totalmente aos meus habitos de sociedade, foi porque me persuadi de que as minhas acções lhe não importavam. Esta indiferença magoava-me, e comtudo resignei-me, e abafei o dissabor. Suspeitei sempre que tinha um rival, o mais deslumbrante de quantos ha, uma imagem impalpavel das que tornam aborrecida a realidade, e odiosas as pessoas que se nos sacrificam. Traguei em silencio esta affronta ao meu amor proprio, e ao outro, não menos pungente, o do coração. Veio agora esse homem imprudente magoar a pobre mulher com umas demasias de sentimentalismo, que nem eu sei se vem da alma, se da phantasia. É' então que eu dou largas aos primeiros queixumes, e ainda assim o arrependimento suffoca-me logo. Quem poderá dizer que fui um máu marido?

EDUARDO. Ninguém. O senhor Pinto não foi máu marido; fez uma má escolha de mulher. Ha dois annos e meio, quando mostrei aos credores os meus livros, pelos quaes provava que apenas ficava com o pão quotidiano de minhas filhas, deixado por sua mãe, os credores disseram que eu era... um ladrão. Puz uma pistola ao ouvido, mas as duas filhas que eu tinha no coração, braçaram-me coragem e heroismo, em nome da virtude. Apareceu-me o se-

nhor João Pinto, que, lamentando a minha ignomínia, me offereceu a mais nobre de todas as reabilitações.

Abriu-me a sua gaveta, e mandou-me tirar o preço da minha honra. Disse que não tinha caução alguma com que pudesse remir o empenho. Respondeu-me que era uma pessoa da minha familia logo que eu o recebesse no mesmo abraço com minha filha Anna. Redargui que suspeitava um enlace de coração entre minha filha e um moço honesto e pobre que frequentava a minha casa. O senhor Pinto meditou por alguns momentos, e disse-me: "pergunte-lh'o a ella, mas descreva de ante-mão as suas circumstancias." Obedeci como obedecem todos os miseraveis. Minha filha já sabia quem fôra o meu salvador; viu-me lagrimas quando lhe pedi que se immolasse á gratidão de seu pae: pôz a mão no seio, e disse: "Pois sim, serei a mulher do nosso bemfeitor, do salvador da sua honra, mas reservo o coração para o entregar puro no céo á victima que se sacrifica commigo." Dei esta resposta ao Senhor Pinto, e v. s.^a replicou dizendo que a natural inconstancia da mulher e do homem concertaria estes desmanchos de um amor de creanças. Instou, e obteve minha filha. Escolheu desgraçadamente. Levou uma moribunda que o affligiu até ao arrependimento. O dedô de Deus... Não foi máu marido, repito, senhor Pinto: foi um marido inconveniente.

SCENA VIII

OS MESMOS, LUIZA, e O CRIADO *a uma das portas*

LUIZA. (*Alvorçada*). Meu pae, a Anninhas está muito mal... Perdeu os sentidos... Venha depressa... parece-me que morre...

EDUARDO. Que dizes, filha? (*Seguem Luiza*).

CRIADO. Um padre procura v. s.^a

EDUARDO. Um padre! Que entre e que espere.
(*sahe*).

SCENA 1X

JORGE DE VALLADARES, *com trajos sacerdotaes*

Jorge. (*Apoz alguns momentos de silencio em que relancêa os olhos por tudo que o cerca, enxugando as lagrimas.*) Animo, animo meu Deus. (*Pausa.*) Enganei-me! Preparei-me por espaço de dois annos, e a todas as horas para este momento. Cuidei que deixaria o coração a pedaços na subida para este calvario. Enganei-me. Se a Providencia não vem em meu soccorro. menti ao ceu: ultrajei o altar onde me dei em holocausto; morrerei impenitente. Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste! (*Senta-se extenuado, por alguns segundos.*) Estava ali, n'aquella cadeira, a ultima vez que a vi. "Ajuda-me a salvar meu pae," foram as ultimas palavras que ella me disse. "Pois sim. salvemol-o, mas pede a Deus que me salve a mim., E pediu. Sou um homem de quem Deus se ha de compadecer. Estou esperando que ella vá d'este mundo... Depois virá para mim a divina graça da morte.

SCENA X

JORGE DE VALLADARES, e EDUARDO SEVERINO

(*Jorge ergue-se ao ouvir-lhe os passos. Eduardo vacilla na incerteza.*)

JORGE. (*Estendendo-lhe a mão.*) E' o filho do seu amigo Philippe de Valladares. (*Eduardo abraça-o com transporte e larga-o para enxugar as lagrimas.*)

EDUARDO. Eu sei a tua desgraçada vida, Jorge.

JORGE. A minha vida não é desgraçada, senhor

Eduardo. O Evangelho só reconhece infelizes n'este mundo para lhes assegurar o mundo consolador dos martyres. Desgraçado é só o impio. Este luto, senhor Eduardo, são as galas do céo, quando esta capa se dá ao pobre para elle cobrir a sua nudez. O sacerdote, segundo Christo, enxuga tantas lagrimas que nem tempo lhe resta para verter das suas. "Quem quizer entrar no meu reino, tome a sua cruz e siga-me," disse o divino Mestre. A via dolorosa é curta, e o penitente cobra animo quando vê tão perto o paradeiro da sepultura. Não sou desgraçado, senhor Eduardo... E a sua vida é attribulada?

EDUARDO. Tu sabes a minha vida, Jorge... Sei que a sabes... Tenho uma filha nas agonias da morte.

JORGE. Sei. E' o anjo que dilacera o involucro para voar para a sua patria. Deixal-a ir para o regaço da mãe. Vejamol-a subir com rosto alegre. As lagrimas da saudade christã são doces como as do Evangelista ao pé do cadaver de Maria. E Luiza?

EDUARDO. Luiza?... Está talvez bebendo a poçonha, que mata, nos labios da irmã. Vivo para isto, Jorge. Sustenho em cada braço a pedra que as ha de cobrir. Depois d'este transe, padre, segundo o Christo, vem apertar a mão ao pobre velho, e fica pedindo por todos nós, e por mim mais que por ellas...

JORGE. (*Como abstrahido.*) Ha de haver quinze annos que eu vi um anjo sentado ali áquelle piano. Tocava... Era uma musica que me cerrava o coração. O senhor Eduardo estava n'esta cadeira e chorava. As suas duas filhas, uma de dois, outra de sete annos, tinha-as eu sentadas nos meus joelhos. Sua senhora acabou de tocar, ergueu-se com a vehemencia da dôr, e tossiu uma lufada de sangue no lenço. Reparou em si, deu-lhe um beijo, e murmurou: "estou melhor." Viu-me lagrimas, beijou-me

tambem, e disse-me: "Jorge, serás sempre o irmão de minhas filhas.,, Quinze dias depois fui orar sobre a sepultura d'esta santa, e balbuciei: "Serei sempre o irmão de suas filhas.,, Venho cumprir a promessa, senhor Eduardo.

EDUARDO. Está cumprida, logo que entrares em casa do pae de tuas irmãs, e nos chamares a nós a tua familia, e te sentares á nossa mesa, na cadeira... em que se sentava Anna.

JORGE. Pois sim, accetto por alguns dias o meu talher em casa de meu pae; sahirei depois por alguns annos, e voltarei quando...

EDUARDO. Onde vaes tu, Jorge?

JORGE. A Marselha embarcar com os missionarios para a China.

EDUARDO. E' um adeus para nunca mais, que vens dizer-me?

JORGE. O christão nunca se despede para nunca mais, senhor Eduardo. O seio de Deus é um foco luminoso para onde convergem todos os raios d'este ponto. Lá nos encontraremos. Cada exilado tem a sua hora de regresso á patria. Aquelle de nós, que primeiro fôr, chore o que ficar. Estou-o amargurando, bem sei, meu pae... *Meu pae! (Abraçando-o)* quantos filhos terão sentide esta commoção!

EDUARDO. E deixas-me?

JORGE. Amparado por Luiza... Queria vê-la.

EDUARDO. Eu chamo-a.

JORGE. Ainda não. Ouça primeiro o irmão de suas filhas. Eu era pobre ha dois annos. Hoje sou rico...

EDUARDO. De virtudes, filho... Que thesouro encerras n'este seio! *(Abraçando-o.)*

JORGE. Rico de bens de fortuna, rico de oiro, herdeiro de uma casa cujos rendimentos excederiam a minha ambição ha dois annos. Um irmão de minha mãe, estabelecido em Loanda, voltou a Bragan-

ça, ha oito mezes. Encontrou-me lá mendigando a parentes ricos um patrimonio para me ordenar. Tentou a minha vocação com os regalos da opulencia. Já não era tempo. Eu tinha vestido esta mortalha, que seria preciso arrancar com pedaços do coração, como a tunica de Nesso. Meu tio morreu, dois mezes depois, legando-me todos os seus haveres, que se contam por dezenas de contos. Quando me liam o testamento, vi a imagem da mãe de Luiza que me dizia: "tens uma irmã.," Não cuidei que o ouro podia dar ao espirito delirio de felicidade só comparavel á dos annos! Fiz lavar doação de todos os meus bens á minha irmã Luiza, e trago aqui a cópia da escriptura. O que ha de mais valor n'este papel são as lagrimas de prazer que verti n'elle quando o lia.

(Eduardo toma nas mãos convulsas o papel que leva aos labios; ajoelha; Jorge tira do seio da batina um crucifixo pendente do pescoço.)

JORGE. Ao Christo, sim! Ao Deus compensador de todas as angustias! Ao Deus que ouviu os rogos da santa que pediu pelo pae e pelo irmão de suas filhas.

(Ergue-o e senta-o quasi desfallecido.)

SCENA XI

OS MESMOS e LUISA

LUIZA. Meu pae, meu pae... *(Para, reparando em Jorge.)* Jorge!... E', meu pae?!

JORGE. *(Risonho.)* E' o padre Jorge. Disse-t'o o coração, minha irmã? Como me conheceste?

EDUARDO *(Erguendo-se.)* Aos braços do martyr, filha.

LUIZA. *(Abraçando-o.)* O' Jorge!... Então minha irmã ouviu-o... Sabe que está aqui...

JORGE. Tua irmã! Anna está n'esta casa!?

LUIZA. Vá lá meu pae, vá lá que o mano Pinto não póde sustel-a... Está lançando golfadas de sangue, e quer por força cá vir.

EDUARDO. E porque não ha de vir?

JORGE. Meu Deus, este calix é impossivel!

EDUARDO. Mostra-nos a magestade do teu sofrimento, Jorge. Consente que a minha filha veja o homem que fica pedindo por ella a Deus. Ensina-a a morrer com a sanctidade da predestinada.

JORGE. Ella ahi está... Jesus!

SCENA XII

OS MESMOS, ANNA, e JOÃO PINTO

ANNA. (*Encostada ao alisar da porta, acena ao pae e irmã que a vão amparar.*) Sou cruel, meu amigo, podia poupal-o a este espectáculo, e não quiz. Sei que está aqui Jorge; mas apenas diviso o vulto. Se elle receia aproximar-se de mim, levem-me ao pé de meu irmão. (*Jorge adianta-se alguns passos para ella. Anna solta um grito, e desprende-se dos braços que a sustem.*)

JORGE. (*Com violenta serenidade.*) Não fuja d'estes tristes habitos, minha irmã. Verá que se afaz depressa ao religioso terror que lhe infunde a minha estranha presença.

ANNA. Uma gota d'agua, Luiza... Meu pae, meu marido, meu irmão, peçam todos a Deus que me livre depressa d'estas agonias... Jorge, a sua alma sanctificada pelo que que soffreu e soffrerá, hade apiedar o Altissimo. Rogue-lhe... E' aqui... (*pondo a mão sobre o lado esquerdo.*) Arrancam-me a pedaços o coração, Mãe Sanctissima.

PINTO. (*Baixo a Eduardo.*) Vou chamar o medico.

ANNA. Não se retire, senhor Pinto... Tenha pa-

ciencia até ao fim. Todos os que tomarem seu quinhão d'este transe ajudem-me a passal-o.

LUIZA. O medico vem já, Anninhas.

ANNA. A que?!... Jorge, veio á hora destinada pela Providencia. Não respondi á sua carta. A minha alma viria responder-lhe, ou então a eternidade das almas, é uma visão de infelizes. Prometteu-me offerecer por mim os merecimentos das suas angustias. Offereça: peça muito a Deus o descanso da sua amiga... Sentirá a minha alma como um bafejo do céu. Leve-me com as suas orações onde eu possa pedir por amigos e inimigos. Dê-me a sua mão. Esta mão hade ter enxugado muitas lagrimas, acalmado muitas dôres, e hade ter recebido muitos osculos do desvalimento remediado. A mais infeliz das creaturas tambem a beija agora... e logo, será abençoada por ella.

SCENA XIII

OS MESMOS E O MEDICO

MEDICO. (*Tacteando-lhe o pulso.*) Que progressão! Houve indispensavelmente uma causa extraordinaria!

ANNA. Isto está por instantes, senhor doutor?

MEDICO. Não minha senhora. V. exc.^a affligiu-se e está extremamente agitada... Isto declina. (*A' parte a Eduardo*) já os soccorros espirituaes, e os extremos. Eu dou a ordem ao creado, e volto logo. (*Sahe.*)

SCENA XIV

OS MESMOS, *excepto* O MEDICO

ANNA. Isto passa já... Estou melhor. Para os soccorros espirituaes não é preciso fortalecer o cor-

po. A alma está cheia de vigor para a jornada; mas ainda atada a um fio que resiste aos golpes. A minha confissão pôde ser publica. Todos sabem o que eu tenho sido. Os que me injuriarem, é melhor que o não saibam. Amei Deus com a fé ardente de uma desgraçada que precisa crer e esperar um mundo melhor. Amei meu pae... como devia amal-o. Não se pôde ser filha de outro modo. Tenho sido amiga, e quasi mãe de minha irmã. Fil-a confidente das minhas dôres para a fortificar contra as suas, quando o anjo da amargura a visitar. Fui para meu marido um encargo penoso... turvei-lhe durante dois annos a felicidade que a riqueza podia dar-lhe, e uma esposa mais favorecida da sorte compartiria, augmentando-lhe a do coração. Nunca odiei alguém, nunca julguei as acções alheias, nunca dei occasião voluntaria a que as minhas escandalisassem a virtude. *(Ao marido.)* É isto verdade, meu amigo?

PINTO. Duvidei eu da tua nobre alma, alguma vez, Anna?

ANNA. "Perdoai-nos, Senhor as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores." Perdoado, meu amigo. Nunca o remorso lhe punja na consciencia. Senhor padre Jorge, poderá ser absolvida esta penitente?

JORGE. Para entrar no seio de Deus.

ANNA. Ainda não. Resta supplicar um perdão, e de joelhos, se me ajudarem.

JORGE. *(sustendo-a nos braços quando se lhe ajoelha.)* A mim, minha irmã?

ANNA. A ti, Jorge, que tinhas uma mocidade que eu destrui... Cerquei a tua alma de trevas. Fiz que tomasses a maior parte, a mais dolorosa do meu sacrificio. Condennei-te a tormentos maiores que os meus. Mereci á piedade divina este rapido fim, e não lhe roguei que te resgatasse a ti primeiro. Perdôa-me Jorge!

(*Ouve-se o toque da campainha do Viatico que se aproxima.*)

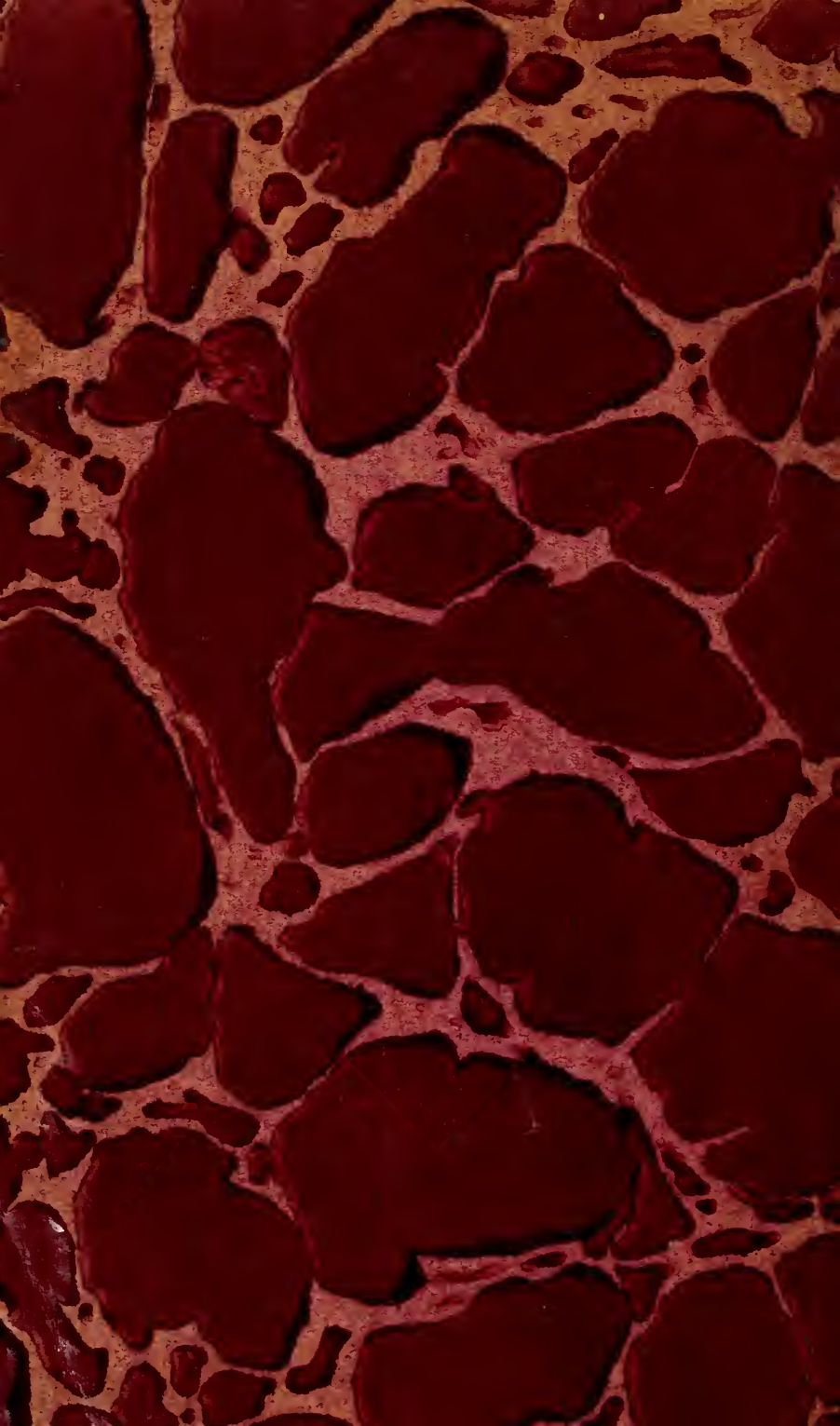
JORGE. (*Pondo-lhe a mão na fronte.*) Pois vae, irmã, e seja o premio do teu martyrio ouvir-te Deus as supplicas que vais fazer-lhe. Lembra-te dos que deixas exercuciados no teu Golgotha. Manda ao espirito de teu consternado pae as alegrias da velhice e a esperança de unir-se a ti na eterna juventude das almas. Envia o teu bom anjo com a lampa da luz celestial ao lado de tua irmã, para guial-a por entre os precipicios do coração. Responde á oração saudosa de teu marido com a visão beatifica da tua gloria. Alcança o meu resgate, alma redemida pelos transe de Jesus Christo e pelos teus, cujo merecimento será redempção para todos nós.

(*Anna faz um gesto affirmativo, e contorce-se nas vascas da morte.*)

LUIZA. Anna! Anna! Ella morre, meu pae!

JORGE. Vive. Nasce para a eternidade. (*Transportam-a expirante para uma cadeira.*) Graças meu Deus! (*Ajoelha e seguem-no todos.*) A martyr está com-vosco. (*Apertando a mão do cadaver.*) Até logo.

FIM



PQ Castello Branco, Camillo
9261 O ultimo acto 2. ed.
C3U5
1884

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 14 13 11 028 9